



A realidade fronteiriça de Benjamin Constant, no Amazonas, e a presença do imigrante peruano no comércio da zona urbana.

Marinilde Verçosa Ferreira¹
Iraíldes Caldas Torres²
Frâncio Costa Simão³
Bruno dos Santos Rodrigues⁴

RESUMO: Este estudo propõe uma discussão acerca das diferentes realidades da dinâmica fronteiriça de Benjamin Constant, no Amazonas, bem como da presença marcante do imigrante peruano exercendo atividades comerciais na cidade. Assume uma perspectiva crítica de estudo sobre da Amazônia, sobretudo, no âmbito das ciências sociais que buscam compreender a região a partir da sua diversidade e especificidades, tendo como núcleo central o homem amazônico e sua relação com o ambiente natural entrelaçado ao seu modo de vida.

Palavras chaves: Amazônia. Realidade Fronteiriça. Comércio Peruano. Benjamin Constant.

ABSTRACT: This study proposes a discussion about the different realities of the border dynamics of Benjamin Constant in Amazonas, as well as the remarkable presence of the Peruvian immigrant engaged in commercial activities in the city. It assumes a critical perspective of study on the Amazon, especially in the social sciences that seek to understand the region based on its diversity and specificities, having as its core the Amazonian man and his relationship with the natural environment intertwined with his way of life.

Keywords: Amazon. Border Reality. Peruvian Trade. Benjamin Constant.

¹ Professora do Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant da Universidade Federal do Amazonas-UFAM- Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia-UFAM.

E-mail: marinildevercosa@gmail.com / marinilde@ufam.edu.br

² Professora da Universidade Federal do Amazonas-UFAM - Doutorado em Ciências Sociais/ Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-Doutorado na Université Lumière de Lyon-França.

E-mail: iraildes.caldas@gmail.com

³ Professor Substituto Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant da Universidade Federal do Amazonas-UFAM- Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

E-mail: francio.costa@hotmail.com

⁴ Professor Substituto Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant da Universidade Federal do Amazonas-UFAM- Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

E-mail: bruno94.58@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Falar da Amazônia profundam remete o pensamento a lugares muitas vezes esquecidos no tempo, à margem das políticas centrais de desenvolvimento, distantes dos grandes centros, logística de difícil acesso, entre outros. Insere-se neste contexto, Benjamin Constant, como uma população de 40. 417 habitantes (IBGE, 2016), distante de Manaus, capital do Estado do Amazonas, aproximadamente há 1.120 km em linha reta. Encontra-se unido aos territórios dos maiores países amazônicos: Brasil, Peru e Colômbia, também conhecida como a região da Tríplice Fronteira.⁵

O acesso à cidade no território brasileiro ocorre por meio de duas modalidades, via fluvial e via aérea. O meio de locomoção mais utilizado pelos habitantes locais é o transporte fluvial, o trecho Manaus-Benjamin Constant, leva aproximadamente cinco a sete dias, a depender da sazonalidade do rio Solimões para chegar a seu destino. O acesso por via aérea ocorre no trecho Manaus-Tabatinga, continuando no transporte táxi fluvial (lanchas com motor de popa de 60, 80, 110 HP, conhecidas como baleeiras) para fazer a travessia Tabatinga Benjamin Constant na confluência do rio Javari com o rio Solimões.

Compreender a dinâmica deste pequeno lugar da Amazônia não basta apenas contextualizar a fronteira territorial. Pois, há também outras fronteira como a da etnicidade com influência dos primeiros habitantes da região do Alto Solimões, os indígenas que formavam diversas etnias. Nessa região predominavam os Cambeba “cabeças-chatas”, os Cocamas, os Omáguas que detinham amplo domínio das várzeas do Alto Solimões e que foram substituídos pelos Ticunas, constituindo-se numa das maiores nações indígenas do Brasil (PORRO, 1995, p. 66). A cidade de Benjamin Constant está voltada para o rio que se constitui como porta de entrada e saída, abrigando populações migrantes da zona rural, dos países vizinhos, Colômbia e Peru, além de pessoas oriundas de outras regiões do país. Durante a Segunda Guerra Mundial Benjamin Constant recebeu grande quantidade de migrantes para trabalharem nos seringais dos altos rios. Existem 64 comunidades tradicionais habitadas por povos

⁵ A região é composta basicamente pela floresta e pelos rios da Bacia Amazônica e é conhecida como Alto Solimões. O local da tríplice fronteira (Brasil-Colômbia-Peru), onde estão localizadas as cidades-gêmeas de Tabatinga, no lado brasileiro, e Letícia no lado colombiano, é o principal ponto de comunicação entre os dois países.

tradicionais como pescadores, agricultores, seringueiros, extratores e coletores de modo geral. É uma cidade fronteiriça com dinâmica peculiar, fortemente atrelada à dinâmica internacional, tendo em vista que se encontra unida aos territórios do Peru e Colômbia, formando a região da tríplice fronteira. A Constituição Federal de 1988 dispõe que as tríplices fronteiras são áreas dentro de um perímetro correspondente a 150 km de largura em que ocorre a confluência entre três Estados-Nação, neste caso Brasil, Peru e Colômbia, onde se entrelaçam relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Nesta região, cresce as atividades comerciais exercidas pelos imigrantes peruanos em Benjamin Constant, assim como em vários municípios da região do Alto Solimões. Este estudo analisa a realidade multifacetada deste longínquo lugar da Amazônia e a atuação do imigrante peruano no comércio da cidade.

2 AS DIFERENTES FACES DA REALIDADE FRONTEIRIÇA DE BENJAMIN CONSTANT

A realidade fronteiriça de Benjamin Constant é diversificada, pluridimensional e complexa, resultante da formação histórica de disputa de poder entre as nações hegemônicas que se estenderam desde os tempos coloniais. Embora, tenham passado vários séculos os impactos ainda são visíveis na formação social da Amazônia, tais como a opressão e as desigualdades sociais, a intensa exploração dos recursos naturais e a usurpação das divisas regionais, bem como os estereótipos e preconceitos no tocante aos valores culturais, costumes e saberes tradicionais de seus habitantes.

Acrescente-se ainda as mudanças político administrativas decorrentes da formação dos Estados-Nação, além das transformações socioeconômicas que tem forte relação com as conjunturas locais, nacional e global, o que vem ratificar a fronteira de muitas e diferentes coisas dita por Martins (2012). Na perspectiva de Lefebvre (1978), é um espaço onde se assentam relações sociais, uma vez que nele se projetam o trabalho humano que vem lhe atribuir um significado histórico. Nogueira (2007) chama atenção para a persistência da visão de fronteira como outra face do centro que ocasionou a dicotomia centro-periferia, “a fronteira não poderia ter outra imagem senão a de lugar em que vicejam as contravenções, o contrabando, a saída ou a entrada daqueles que infringem a lei e a ordem em seus respectivos Estados” (IBIDEM, p. 450).

É pertinente que as pesquisas revelem as diferentes faces desta realidade, a partir de uma metodologia com base antropológica e sociológica que estabeleça conexões com a vida social, envolvendo as subjetividades e o imaginário das populações locais em relação à fronteira. A fronteira assim, é o lugar do humano, do recomeço, do encontro, da construção e reconstrução de muitas pessoas que de alguma forma foram expropriadas e expulsas de seus territórios como foi o caso dos povos indígenas e dos nordestinos. Outros contingentes humanos que da mesma forma foram abandonados pelo seu próprio país de origem, como é o caso dos peruanos que buscam neste longínquo lugar, novas oportunidades e meios que garantam o seu sustento e de sua família. Castro (2012, p. 58 -59) explica que “a fronteira é um espaço complexo, com muitos atores sociais e étnicos e agentes econômicos, redes de comércio, migrantes que chegam com interesses diversos e veem aí um espaço também de oportunidades e de negócios”. É nesse universo de diversidade e heterogeneidade que se apresenta a vida na fronteira.

Benjamin Constant, assim como a maioria das cidades de fronteira recebe muitos habitantes de diferentes espaços, sobretudo dos países limítrofes. É uma porta aberta para a entrada de pessoas vindas do interior do município. Mais recentemente tem recebido, habitantes dos municípios circunvizinhos que se deslocam para cursar graduação no polo da Universidade Federal do Amazonas, situado na cidade e, muitas vezes, acabam se instalando com a família definitivamente no município. Acolhe pessoas de outras regiões brasileiras, mas também da Colômbia e, principalmente do Peru. É comum subir a rampa do porto da cidade e chegando ao centro comercial ser cumprimentado por comerciantes peruanos oferecendo seus produtos. Caminhando um pouco mais à frente, a cena se repete, deparando-se com o comércio peruano e a intensa presença desse imigrante na cidade. De acordo com Botía (2008), a presença do imigrante peruano na cidade de Benjamin Constant se deu com maior intensidade na década de 1980, devido ao auge da produção madeireira. Nesse período, houve intenso fluxo migratório atraídos pelo trabalho de beneficiamento da madeira nas serrarias da cidade.

Ressalte-se que a presença do imigrante peruano é frequente nas cidades do Alto Solimões. O acesso via malha fluvial que liga o Brasil ao Peru facilita a imigração para o território brasileiro. De acordo com Silva (2012) grande parte dos peruanos que

migram para a Amazônia vem da Amazônia peruana, devido a facilidade de acesso pela via fluvial. Oliveira (2000), explica que nem o afastamento geográfico impediu que as cidades amazônicas sofressem a influência de um contexto cultural mais amplo, uma vez que os homens não produzem suas culturas de forma isolada. Essa mistura de culturas está presente no cotidiano da cidade, manifestando-se nos diferentes idiomas falado, na culinária, na música, nas diferentes moedas em circulação, no modo de vestir, entre outros.

3 A PRESENÇA DO IMIGRANTE PERUANO NO COMÉRCIO DA ZONA URBANA DE BENJAMIN CONSTANT

A origem de Benjamin Constant tem influência direta das práticas do comércio, sobretudo durante a atividade da economia gomífera, posteriormente, a economia madeireira e atualmente o comércio em geral. A presença do imigrante peruano se faz notar desde o período da borracha, seja como seringueiro, seringalista ou comerciante. Na atividade madeireira, atuava principalmente como trabalhador braçal nas serrarias, atualmente parte da economia da cidade é dinamizada pelo comércio em geral desses imigrantes, além da prestação de serviços profissionais em diversas áreas como médicos, enfermeiros, dentistas, pedreiros, mecânicos, borracheiros, cabeleireiros, entre outros. Nas décadas de 1970-1980, período áureo da economia madeireira, quem detinha o monopólio do comércio na região do Alto Solimões eram os brasileiros, donos de serrarias que investiam no terceiro setor, principalmente na expansão de redes de lojas comerciais com equipamentos e produtos industrializados adquiridos na capital Manaus. Os produtos adquiridos na Zona Franca de Manaus eram mais acessíveis em termos de preços devido a isenção de impostos, isso possibilitava aos comerciantes a oferta de produtos e serviços com menores preços e maior competitividade, além de elevar o crescimento das taxas de lucros e o monopólio do comércio em toda a região, os países vizinhos eram consumidores em potencial do empresariado local.

As mudanças na conjuntura política e econômica trouxeram modificações significativas na economia local com forte impacto nas classes empresarial e trabalhadora. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Meio Ambiente

adquire um patamar importantíssimo. Pelo artigo 225⁶ do aludido instrumento vem tratar de questões específicas sobre o meio ambiente, no § 4.º a Amazônia é incorporada como patrimônio nacional. Becker (2009), chama a atenção para o surgimento de uma nova política de desenvolvimento que a partir dos anos 1990 veio substituir o modelo exportador que predominou durante os séculos XIX e XX. Trata-se de um padrão de desenvolvimento pautado na sustentabilidade dos recursos naturais, momento em que a Amazônia passou a ocupar o centro das atenções internacionais pelas suas riquezas presentes no subsolo, pelo seu grande potencial hídrico, pelo seu patrimônio biológico. Um olhar crítico permite dizer que “o interesse e a percepção dominantes ainda atribuem à Amazônia a condição de fronteira de recursos” (BECKER, 2009, p. 21).

Em Benjamin Constant, a exploração da madeira se baseava na extração desordenada das árvores da floresta, sem aporte de tecnologia que viesse contribuir para o máximo aproveitamento desse recurso. O fechamento da maioria das serrarias existentes na cidade ocasionou prejuízos ao empresariado madeireiro local refletindo-se na eliminação dos postos de trabalho, além da perda do monopólio comercial da região da tríplice fronteira por parte dos brasileiros. O terceiro setor e a atividade madeireira eram os responsáveis por manter aquecida a economia local. Dois fatores foram determinantes na mudança do cenário econômico de toda a região do Alto Solimões, primeiro a atividade madeireira entrou em declínio por questões de mudança na legislação ambiental que levou a proibição das práticas extrativas nos moldes em que eram praticadas, as quais eram incompatíveis com a nova legislação. Enfim, a substituição do monopólio do comércio brasileiro pelo estrangeiro na região acontece num contexto de desajuste econômico local, não havendo interesse do Estado em investir em políticas públicas capazes de desenvolver economicamente o interior. As incipientes iniciativas existentes não prosperaram devido a planejamentos equivocados e inapropriados às condições e realidade da economia local.

A economia dos municípios do Amazonas ficou relegada à agricultura de subsistência e a alguns repasses do governo federal e municipal. Para Nascimento e Silva (2015), a produção do setor primário do Estado do Amazonas apresenta

⁶ Artigo 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. [...] § 4.º A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais.

características típicas de regiões de baixo desenvolvimento, refletindo na sua participação no PIB que não ultrapassa os 5%, sendo incipiente a sua participação na geração de riqueza. “Traduzindo-se em uma perspectiva econômica, convive-se com uma agricultura, predominantemente, de baixa produtividade, para não dizer atrasada” (IBIDEM, p. 13). Essa é uma realidade de grande parte dos municípios amazônicos que tem suas economias ancoradas no extrativismo, na pequena agricultura, caça, pesca que pouco contribuem para a arrecadação estadual, e dependem grandemente da ação do Estado no tocante à promoção de políticas públicas de cunho socioeconômico que, por outro lado, tem se mostrado precária. A ação fragmentária do Estado para fortalecer as bases econômicas da região oportunizou o crescimento do comércio estrangeiro na cidade de Benjamin Constant, bem como nas diversas cidades do Alto Solimões. A falta de políticas direcionadas ao desenvolvimento da economia local que busque proporcionar trabalho e renda, associada à incipiente fiscalização devido a precária atuação dos governos municipal, estadual e federal favorecem o comércio informal e ilegal de estrangeiros nesta região. Em uma região onde a renda das famílias é mínima prevalece o menor preço, neste caso os produtos peruanos dominam o mercado local em função dos baixos preços, haja vista que os produtos estrangeiros adentram o país, muitas vezes, ilegalmente. Ou seja, sem pagamento de impostos, isso permite comercializar com baixos preços, além de criar uma concorrência desleal com as empresas legalizadas. Nos estudos realizados na cidade de Benjamin sobre os impactos do comércio estrangeiro, Ferreira e Cacellier (2015, p. 100), concluíram que no segmento de motocicletas “a oferta estrangeira mais barata representou uma ameaça para as empresas nacionais estudadas. A concorrência tornou-se um monopólio puro⁷ a favor das empresas estrangeiras, já que detinham a melhor oferta no aspecto preço”. Esse comércio é favorável ao consumo das classes subalternizadas que vivem com poucos recursos e hoje vem ganhando forças no âmbito das relações comerciais.

A presença do imigrante peruano é muito forte na Amazônia brasileira. De acordo com Silva (2012), isso se deve em parte aos baixos custos de locomoção, uma vez que grande parte dos percursos é feita pela via fluvial em barcos onde há pouco controle nas áreas de fronteira. Esse migrante é atraído tanto pelos grandes centros

⁷ Significa uma situação onde só existe uma fonte de oferta num determinado mercado, ou seja, apenas um e somente um vendedor no mercado que controla o mercado de um determinado produto.

como Manaus (AM) e Boa Vista (RR), quanto pelas pequenas cidades dentre elas Tabatinga e Benjamin Constant. Nessas cidades fronteiriças o fator de atração é a oportunidade de trabalho no comércio, seja no mercado formal ou informal. Outros setores do mercado de trabalho oferecem grandes chances de ingresso “como é o caso dos trabalhadores da saúde, médicos e enfermeiros, os quais se fazem presentes, particularmente, nas pequenas cidades do interior da Amazônia onde há demanda dessa mão de obra. A educação, a gastronomia e o setor de serviços atraem profissionais peruanos” (SILVA, 2012, p. 261).

Souza (2015) assinala que nesta cidade de fronteira tem-se a “presença marcante do comércio realizado por imigrantes peruanos. Esse comércio hodierno em expansão faz parte de sua razão de ser, não é responsável pela sua origem, mas é inegável que os imigrantes peruanos fazem parte de sua história” (IBIDEM, p. 65). Em Benjamin Constant, o imigrante peruano atua como vendedores ambulantes nas ruas, praças, mercado e feira (mercado subinformal), bem como nos pequenos negócios, geralmente, no mercado do artesanato, vestuário, bijuterias, CDs, movelaria, hortifrutigranjeiro, oficinas (mercado informal) e hotelaria, restaurante, salão de beleza, autopeças, mercadinhos, lojas de vestuário (mercado formal). Atuam também nos serviços profissionais especializados, sobretudo da área da saúde, que são essenciais para a sociedade local na medida em que nessas cidades há carências desses profissionais, de modo que esse imigrante tem grande influência e participação no mercado de bens e serviços em Benjamin Constant.

4 CONCLUSÃO

A realidade fronteiriça desta pequena parte da Amazônia revela uma dinâmica peculiar, uma pluralidade sociocultural e práticas locais entrelaçadas às globais, o que faz desta região um lugar ímpar e múltiplo, apesar do caos e desordem, como parte desta realidade, é um lugar de pessoas simples que lutam diariamente pela sobrevivência, mas que nunca perdem a esperança de uma vida melhor, mesmo diante da invisibilidade social e política. Na cidade de Benjamin Constant é muito forte a presença do imigrante peruano que tem como fator de atração a oportunidade de trabalho no terceiro setor, com atuação no comércio formal, informal e subinformal. Sua atuação pode ser constada na área comercial da cidade, em pequenos estabelecimentos, como vendedores ambulantes, no mercado, na feira, praça, e os

pequenos estabelecimentos comerciais vêm se expandindo para alguns bairros da cidade. Trata-se da comercialização de produtos acessíveis quanto ao preço, voltados para o consumidor pauperizado. A falta de estímulos à produção favorece ainda mais o comércio de estrangeiros em Benjamin Constant, assim como na região do Alto Solimões, o que vem tonando os municípios da região dependentes do comércio de produtos dos países vizinhos Colômbia e Peru.

A ação fragmentária do Estado para fortalecer as bases econômicas da região oportunizou o crescimento do comércio estrangeiro na cidade de Benjamin Constant, bem como nas diversas cidades do Alto Solimões. São fragmentadas e descontínuas as políticas direcionadas ao desenvolvimento da economia local que busque proporcionar trabalho e renda, associada à incipiente fiscalização devido a precária atuação dos governos municipal, estadual e federal que terminam por favorecer o comércio informal e ilegal de estrangeiros nesta região. Esses fatores tem contribuído significativamente para o crescimento desse comércio em Benjamin Constant e região do Alto Solimões.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha Koiffman. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOTIA, Carlos Gilberto Zárate. **Silvícolas, seringueiros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfonteriza en la Amazonia de Brasil, Peru y Colombia Hortencia, 1880-1932**. Leticia: Universidade Nacional de Colômbia, Instituto Amazônico de investigaciones (IMANI), 2008.

CASTRO, Edna. **Expansão da fronteira, megaprojeto de infraestrutura e integração**. Caderno CRH. v. 25. n. 64, jan/abr. Salvador 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FERREIRA, Keliton da Silva; CANCELLIER, Everton Luis Pellizaro de Lorenzi. O impacto da ilegalidade para a mudança estratégica: o caso de uma loja de autopeças e serviços. In: GUIMARÃES, Marcelo de Almeida; NAKAUTH, Ana Carolina Souza Sampaio; ACIOLI, Agno Nonato Serrão (Orgs). **Ciências, natureza e cultura na região Amazônica**. Manaus: EDUA, 2015.

LEFBVRE, Henry. **De l'Etat. Les contradictions de l'Etat moderne**. Paris: Union Generale d'editions. 1978.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Luiz Roberto Coelho; SILVA, Rafael Nery da. O distrito agropecuário da Suframa: um desafio. In: NASCIMENTO, Luis Roberto Coelho (org). **Estudos selecionados de desenvolvimento rural no Estado do Amazonas**. Manaus: Eco & Companhia, 2015.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazonas: a divisão da monstruosidade geográfica**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

_____. **As redes geográficas na fronteira da Amazônia**. Revista Acta Geográfica. v. 2, n. 3: Roraima, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir. Urbanização da Amazônia: novas integrações e velhas exclusões. In: OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira; PE. GUIDOTTI, Humberto (Org.). **A igreja arma sua tenda na Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

PORRO, Antonio. **O povo das águas: Ensaio etno- história Amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Sidney Antonio da (org.). **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: FAPEAM, 2012.

SOUZA, Alex Sandro Nascimento de. **Cidades amazônicas na fronteira Brasil-Peru**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.